

ESCUIDO

M A G A Z I N E

ANO 3 - Nº. 25 - Abr/1998

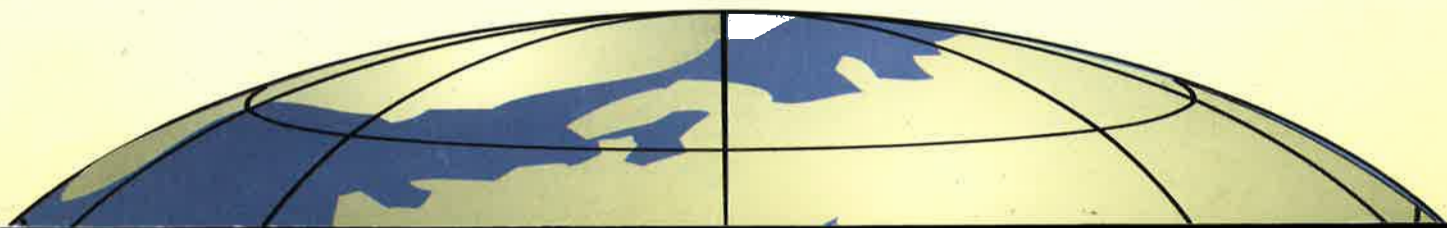


Semana da Comunidade Luso-Brasileira

Entrevista com

Antonio Gomes da Costa

Presidente da Federação das Associações
Luso-Brasileiras



Antonio Gomes da Costa

Um português de lei, ou melhor, um luso-brasileiro de fé”

Filho de Francklin Gomes da Costa e Carmina Costa, Antônio Gomes da Costa é economista, natural da Póvoa de Varzim, mais precisamente da Freguesia de Terroso, casado com Maria Saraiva Gomes da Costa, ele tem dois filhos: José Roberto e Afonso Henrique, ambos economistas.

Possui um extenso currículo, fez o Curso Geral de Comércio na Escola Comercial da Póvoa de Varzim, complementado no Porto, na antiga Escola Mouzinho da Silveira.

No Brasil, fez o curso de Ciências Econômicas e mais tarde formou-se em Direito. Fez ainda o curso de pós-graduação no antigo Conselho Nacional de Economia. É membro do Conselho de Administração do Banco Itaú e colaborador assíduo da Imprensa brasileira e portuguesa. Além de diretor responsável do jornal “O Mundo Português”, é diretor da revista “Confluência”, do Liceu Literário Português.

As suas atividades no âmbito da comunidade, iniciadas no início dos anos 70, são impressionantes. Foi Presidente da Federação das Associações Portuguesa e Luso-Brasileiras de 1970 a 1974. Depois foi eleito novamente para o cargo em 1980, e, desde então, continua à frente do organismo representativo do movi-



mento associativo luso-brasileiro.

Recebeu há pouco tempo, a Medalha de Mérito concedida pela Câmara Municipal Póvoa de Varzim.

Autor do livro “Farpas e Louvações”, teve editado pelo IPES uma monografia “A Crise da Previdência Social”.

Dentro de algumas semanas será lançado seu novo livro, editado pela “Nórdica”, “Brasil e Portugal - crônicas”.

Esses são os traços biográficos, resumidos, do nosso entrevistado - “um pobre homem da Póvoa de Varzim”, como ele diz citando Eça de Queiroz. “Eis aí o perfil do homem que carrega consigo a Bandeira, as cores, os sentimentos vivos da luso-brasilidade. Alguém de quem podemos sentir orgulho, rico de conhecimentos e de vivências, vertical nas convicções e firme no caráter. Um português de lei, ou melhor, um luso-brasileiro de fé.”



Antonio Gomes da Costa com o primeiro ministro de Portugal, Antonio Guterres.

“O acolhimento do Brasil foi fantástico. Nem senti diferenças. Nós quando jovens, sonhamos e pensamos em mudar o mundo. Naquela época o Brasil predominava no imaginário dos portugueses: vínhamos realizar nossos projetos de vida e pensávamos que o retorno seria rápido.”

Escudo Magazine - Quando o Sr. chegou ao Brasil e como foram os primeiros meses?

Antonio Gomes da Costa: “Cheguei ao Brasil em 1953. Tinha concluído o Curso Comercial no Porto. Todo começo é difícil. Comecei a trabalhar num escritório e pedi a adaptação do curso feito em Portugal. Naquele tempo não havia o Acordo

Cultural para as equivalências. Meu processo no Ministério da Educação foi pioneiro. Depois formei-me em Ciências Econômicas e, mais tarde, em Direito. O acolhimento do Brasil foi fantástico. Nem senti diferença. Nós quando jovens, sonhamos e pensamos em mudar o mundo. Naquela época o Brasil predominava no imaginário dos portugueses: vínhamos realizar nossos projetos de vida e pensávamos que o retorno seria rápido.

EM - Houve algum tipo de dificuldade relacionada à adaptação?

Antonio Gomes da Costa: “Como disse não tive dificuldades em me adaptar no Brasil. Tinha aqui um tio e primas que me acolheram. Era um ambiente de família deste lado do Atlântico. E para ver o quanto o Brasil era generoso conosco basta recordar um episódio que ocorreu poucos meses depois da minha chegada. Um dia encontrei na “Casa Garcia”, que era do meu tio, um professor universitário - ortopedista famoso, o Dr. Achilles de Araújo. Ao dar-se conta que tinha uma seqüela na perna esquerda, decorrente da paralisia infantil, levou-me para o Hospital São Francisco, operou-me o pé, corrigindo o defeito - e deu uma aula aos seus alunos mostrando

os danos da paralisia e a correção feita. E tudo de graça. Como de graça foram os meus estudos na faculdade. É o Brasil grande e amigo.”

EM - Qual foi o seu primeiro emprego e quanto tempo trabalhou nele?

Antonio Gomes da Costa: “Comecei a trabalhar numa empresa sueca - a Cia. T. Janér, que atuava em diversos setores da economia. Comecei no setor de Importação e acabei sendo Gerente Financeiro. Nesse meio tempo, fiz concurso para o Tribunal de Contas da União e fui um dos primeiros classificados como Oficial Instrutivo. Cuidava da fiscalização de contas, dos contratos de aforamento e tive a grande satisfação de fazer parte da comissão que deu parecer sobre as contas do Presidente Juscelino - no último ato de seu mandato. Em 1961, com a mudança da capital para Brasília, deixei o serviço público e fiquei na Cia. T. Janér até 1973. Nesse ano, convidado pelo ex-Ministro das Finanças de Portugal, Dr. Luiz Teixeira Pinto, fui trabalhar na Sociedade Financeira Portuguesa e daí passei para o Banco Itaú, onde estou até hoje.

EM - Quais as atividades preferidas nos momentos de lazer?

Antonio Gomes da Costa: “Gosto muito de ler. Sou um viciado em leitura. Leio diariamente até uma ou duas horas da manhã. Leio tudo e adoro livros. Também gosto de escrever - o que faço aos sábados e domingos. Mas esse pendor pelas letras, não me tira o gosto do desporto, adoro futebol, sou “vascaíno” doente. E embora vá pouco, tenho interesse pelo teatro, pelo cinema e pela música; enfim, tenho uma apetência por tudo que é vida...”

EM - Qual a análise que o Sr. faz

do funcionamento das instituições portuguesas no aspecto sócio-econômico?

Antonio Gomes da Costa: “As associações luso-brasileiras representam uma fantástica doação ao Brasil e uma prova inequívoca do nosso portuguesismo; em nenhuma outra parte do mundo - e temos comunidades portuguesas na França, no Canadá, na Alemanha, nos Estados Unidos, na África do Sul, etc. Os emigrantes fizeram uma obra idêntica, representada pelos “Gabinetes de Leitura”, pelas “Beneficências”, pelos “Liceus”, pelas “Caixas de Socorros”, pelas Casas de Portugal, pelas “casas regionais”, etc. Todas essas instituições - e a primeira foi criada em 14 de maio de 1837, 15 anos depois da Independência que foi o Real Gabinete - passam por ciclos de expressão e desenvolvimento e por outros mais difíceis. Mas o certo é que acumularam-se patrimônios e fizeram-se coisas admiráveis em várias vertentes: na assistência, no ensino, na cultura, no desporto, nas tradições, etc. Hoje, eu diria que o nosso movimento associativo, apesar de algumas dificuldades que se atravessam, tem feito aberturas extraordinárias. Já não é um movimento circunscrito a alguns milhares de emigrantes - mas é um movimento que integra as novas gerações de luso-descendentes. É o nosso maior capital e a certeza de que graças à passagem do testamento, o último português não vai fechar a porta e correr à janela de um “Gabinete de Leitura”, de um “Liceu” ou de uma “Casa do Minho”. O que muitos temiam que iria acontecer, com o término da emigração portuguesa para o Brasil, não ocorrerá, porque soubemos, do Amazonas ao Rio Grande, trabalhar a quatro mãos com os brasileiros.

EM - Qual a visão do Sr. à respeito do evento “Encontro com Por-

tugal” realizado pela Prefeitura de Niterói?

Antonio Gomes da Costa: “Uma iniciativa extraordinária e louvável. Todos os segmentos da cultura portuguesa fizeram parte deste evento. É uma pena que apenas Niterói se mexeu para tal evento de suma importância. O ideal é que várias prefeituras pudessem investir e promover este tipo de evento. Todos nós ficamos com uma dívida para com o prefeito Jorge Roberto Silveira e para com o Secretário de Cultura, Marcos Gomes, pela dimensão que souberam dar ao projeto.”

EM - No seu ponto de vista, como fica a situação de Portugal após a união européia? O Sr. teme que a identidade cultural do país possa ser esquecida devido a supremacia econômica de outras potências como Alemanha, França e outros países?

Antonio Gomes da Costa: “Portugal não podia ficar fora da Comunidade Econômica Européia. Mas é evidente que a integração traz certos riscos, sobretudo para os chamados “países periféricos”. A idéia de que os Estados-membros têm os mesmos direitos e o mesmo peso é uma falácia. As vantagens da adesão do país ao Tratado de Roma são evidentes: Portugal estava com a economia nas costuras, os déficits eram crescentes, as remessas da emigração, nos primeiros anos após o “25 de abril” é que “salvaram” o balanço de pagamento, íamos de mal a pior, com governos a cair como tordos e a produção nas costuras, quando o ingresso na Comuni-

“O que muitos temiam que iria acontecer, com o término da emigração portuguesa para o Brasil, não ocorrerá, porque soubemos, do Amazonas ao Rio Grande, trabalhar a quatro mãos com os brasileiros.”

Antonio Gomes da Costa ao lado do Presidente do Brasil, Fernando Henrique e do Governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar.





O Presidente de Portugal Jorge Sampaio e Antonio Gomes da Costa no Real Gabinete Português de Leitura.

“Portugal não podia ficar fora da Comunidade Econômica Europeia. Mas é evidente que a integração traz certos riscos, sobretudo para os chamados “países periféricos”

vergência” para entrar na moeda única no pelotão da frente. Por enquanto, tudo corre bem, como no casamento: é bom enquanto dura. Mas, evidentemente, existem preocupações em relação ao futuro: num modelo federativo (depois da união monetária virá a união política) o que será Portugal? Uma Península? Como resistir às influências e às diretivas de Bruxelas? Sem agricultura, com as indústrias em crise - que grau de competitividade terá o país? São perguntas incômodas, que ensombram o futuro - mas o fato é que o país é o que é graças à Europa. A nossa esperança é que a dimensão Atlântica não seja perdida. O Brasil e a África podem ser, dentro de uma ou duas décadas, espaços valiosos para que o “nevoeiro” não encubra o Portugal de Ourique e de Sagres.

EM - Qual a sua opinião sobre o impasse do Timor Leste?

Antonio Gomes da Costa: “Os dirigentes políticos e militares portugueses, no “pós-25 de abril” cometeram um erro terrível. Tal como aconteceu em Angola e em Moçambique quiseram entregar o

governo de Timor-Leste à “Fretilin”, que era uma organização marxista. Havia outras no território, como a UDT e a APODETI. Mas os “Jovens capitães” queriam enfeudar os novos países a Moscou. A guerra civil foi inevitável. É claro que Javarta jamais iria admitir que no arquipélago de Sonda se constituísse um “santuário comunista”. E em dezembro de 1975 as tropas do Presidente Suharto invadiram Timor-Leste. Começou o massacre da população. Cometeram-se todos os abusos e ignomínias. A ONU condenou a invasão, mas não teve forças - até porque os países ocidentais não queriam perder seus negócios com a Indonésia - para obrigar a retirada das tropas. Depois, todos sabemos o martírio do povo maubere nestes 23 anos. A partir de certa altura, Portugal, já sem os comunistas, procurou corrigir os erros de 1975 e assumiu uma posição mais firme. Mas não tenhamos dúvida: só uma reviravolta política na Indonésia, com a queda do Presidente Suharto, é que poderá abrir oportunidade para uma solução do caso de “Timor-Leste”. Vamos rezar para que isso aconteça.

governo de Timor-Leste à “Fretilin”, que era uma organização marxista. Havia outras no território, como a UDT e a APODETI. Mas os “Jovens capitães” queriam enfeudar os novos países a Moscou. A guerra civil foi inevitável.

É claro que Javarta jamais iria admitir que no arquipélago de Sonda se constituísse um “santuário comunista”. E em dezembro de 1975 as tropas do Presidente Suharto invadiram Timor-Leste. Começou o massacre da população. Cometeram-se todos os abusos e ignomínias. A ONU condenou a invasão, mas não teve forças - até porque os países ocidentais não queriam perder seus negócios com a Indonésia - para obrigar a retirada das tropas.

Depois, todos sabemos o martírio do povo maubere nestes 23 anos. A partir de certa altura, Portugal, já sem os comunistas, procurou corrigir os erros de 1975 e assumiu uma posição mais firme. Mas não tenhamos dúvida: só uma reviravolta política na Indonésia, com a queda do Presidente Suharto, é que poderá abrir oportunidade para uma solução do caso de “Timor-Leste”. Vamos rezar para que isso aconteça.

EM - A relação fraterna entre Portugal e Brasil foi afetada após algumas desavenças de alguns portugueses com os brasileiros que residem em Portugal? Houve repercussão na comunidade?

Antonio Gomes da Costa: “As relações luso-brasileiras, de vez em quando, passam por momentos tormentosos. É próprio das famílias. Aconteceu, assim, nos anos seguintes à Independência, com conflitos de rivalidades; mais tarde na “revolta dos marinheiros” quando Portugal deu asilo aos revoltosos; nos anos 20 com a “questão dos poveiros” que não podiam exercer a profissão sem se naturalizarem; depois com Janio Quadros e o “Santa Maria”

com as intromissões de Álvaro Lins - e, por último, com a "questão dos dentistas" e os episódios dos aeroportos.

Como sempre a nossa comunidade toma posições e nestes últimos desencontros - o dos dentistas e dos aeroportos - não podíamos deixar de lamentar a postura das autoridades portuguesas. Se existia o Acordo Cultural de 1966 era para ser cumprido. E se o Brasil sempre recebeu os portugueses com as maiores facilidades, não fazia sentido que alguns brasileiros passassem pelo vexame que estavam passando, por causa da interpretação das normas alfandegárias, ou por pressões que vinham disfarçadas de uma "Europa-fortaleza" e da convenção de Schengen. Felizmente, tudo isso hoje está superado e o que interessa é que para além desses episódios fugazes ou dos desencontros oficiais existe uma reserva imensa de afetos e de amizade a unir dois povos irmãos. É nessa linha, na preservação desses valores, é que sempre trabalhamos. Nesse ponto, os portugueses do Brasil têm outra dimensão e sensibilidade, que muitas vezes, faltam nos portugueses d' além-mar.

EM - As instituições têm sido dirigidas sempre com acompanhamento do Sr., que por sinal, é bastante elogiado pelo trabalho desempenhado. Como é a reciprocidade disso?

Antonio Gomes da Costa: "Os Homens que atuam nas associações fazem-no por dedicação e sem pensar em qualquer tipo de contrapartida. Antigamente os governos, por interesse e reconhecimento, ainda distinguiam algumas - davam-lhe uma condecoração, tinham um certo respeito pela oblação. Agora, nem isso. E, no entanto, não há esmorecimentos. O fogo do patriotismo e o desejo de trabalhar por Portugal e pela comunidade levam-nos a ver exem-

plos admiráveis de compatriotas que sacrificam a família, o lazer, a tranquilidade, para se entregarem a uma instituição, para criar investimentos, para difundir a cultura, para sair pela avenida embrulhados na bandeira nacional. O que eu faço em termos de comunidade - e repito o Padre Antonio Vieira - não é para esperar por nada. Até porque já tive reconhecimento demais.

EM - O que é mais difícil : dirigir um banco ou uma instituição portuguesa?

Antonio Gomes da Costa: "São situações diferentes. No trabalho profissional há a satisfação da conquista, a trajetória do êxito, a remuneração e a forma de ganhar a vida. Nas instituições há o sentimento gostoso de se fazer pela portugalidade. Não somos obrigados, não ganhamos nada, mas temos a grande alegria da criação e da

"A presença dos jovens, quer no meio associativo, quer em todas as "pontes" com Portugal, é absolutamente indispensável. Sem eles não haverá futuro. É claro que, às vezes, não é fácil atraí-los para certas jornadas - os filhos não gostam de ir para onde os pais vão, há sempre a idéia da "carece", etc."

Instituições por onde passou e as que faz parte

Foi Presidente do Clube Ginástico Português e no seu mandato foi construída a Sede-Barra, inaugurada pelo Presidente João Figueiredo. Foi Presidente do Liceu Literário Português e a sua gestão marca a abertura de um período novo para a instituição, com o saneamento financeiro, a criação dos Institutos da Língua Portuguesa e da História Luso-Brasileira e a recuperação patrimonial. É Secretário-Geral da Fundação Cultural Brasil-Portugal, uma entidade que congrega os maiores empresários luso-brasileiros para apoiar iniciativas no âmbito da lusofonia. Presidente do Conselho Deliberativo do C.R. Vasco da Gama e da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, além de

Vice-Presidente da Caixa de Socorros D. Pedro V. Tem títulos de Benemérito de Grande número de associações e há 4 anos é o Presidente do Real Gabinete Português de Leitura onde está a levar cabo uma obra de ampla modernização: restauro arquitetónico, informatização do acervo bibliográfico, criação do centro de multimídia, etc. além das reformas estruturais exigidas pelos novos tempos. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa de História. Foi Vice-Presidente da Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional e faz parte da Associação dos Amigos do Arquivo Nacional, do Museu Histórico Nacional e dos Museus da Marinha.



obra realizada. Quando adquirimos uma sede para a Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras; quando construímos uma Sede-Barra do Clube Ginástico; quando restauramos um Liceu ou informatizamos a biblioteca do Real Gabinete - e o plural aqui abrange os Companheiros que estiveram sempre conosco - é claro que nessas horas maiúsculas, nesses projetos marcantes, vibramos intensamente, choramos de alegria, sentimo-nos grandes na nossa humildade de emigrantes que sabem gozar em terra alheia."

EM - Por quê não há um incentivo específico para o público jovem nas instituições regionais?

Antonio Gomes da Costa: "A presença dos jovens, quer no meio associativo, quer em todas as "pontes" com Portugal, é absolutamente indispensável. Sem eles não haverá futuro. É claro que, às vezes, não é fácil atraí-los para certas jornadas - os filhos não gostam de ir para onde os pais vão, há sempre a idéia da "caretice", etc. Mas não podemos falhar ou diminuir essa força de atração. Os luso-descendentes é que nos vão continuar nosso trabalho."

EM - A "Semana de Portugal" começa agora em abril, juntamente com os eventos realizados pela prefeitura de Niterói. Qual a mensa-

gem que o Sr. transmite para toda comunidade luso-brasileira?

Antonio Gomes da Costa: "Abril é um mês extraordinário para a nossa comunidade. Neste ano crescem dois acontecimentos extraordinários. Um, é a realização em Niterói, por iniciativa da Prefeitura local, de um vasto repertório de eventos culturais, artísticos, etnográficos, musicais, etc. Trata-se de um projeto admirável. O outro, é o "V Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras" que terá lugar nos dias 18 e 19 com a participação de representantes das associações de todo Brasil. Nesse "Encontro" serão debatidos diversos pontos de interesse da comunidade - assuntos políticos, econômicos, das associações, da comunicação social, da juventude, etc. Por outro lado, ganham cada vez maior expressão os eventos relacionados com as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil e isso mobiliza toda a nossa comunidade. A mensagem que me ocorre neste momento é um apelo a todos no sentido de que participem das nossas realizações, que "vivam" este final do milênio no espírito da portugalidade, que tenham capacidade de resposta a todas as iniciativas que estão em curso. Uma comunidade só é viva se participa. E aqueles que se afastam, os indiferentes, os distantes - com esses não é que se consegue construir e vibrar no âmbito luso-brasileiro.

"Participem das nossas realizações, que "vivam" este final do milênio no espírito da portugalidade, que tenham capacidade de resposta a todas as iniciativas que estão em curso. Uma comunidade só é viva se participa."

Condecorações Recebidas

(Portuguesas)

- Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.
- Grã-Cruz da Ordem do Mérito Industrial
- Grande Oficial do Infante D. Henrique
- Comendador da Ordem da Benemerência, concedidas pelo Governo português.

(Brasileiras)

- Comendador da Ordem do Rio Branco
- Ordem do Mérito Naval e Aero-náutico.